

## Todos contra a Reforma Previdenciária

**A** apresentada formalmente em dezembro de 2016, a PEC 287, que destroça a Previdência Social dos trabalhadores brasileiros, é mais um dos ataques do pacote de maldades do governo Temer. Esta edição denuncia a medida e reafirma a necessidade da mobilização permanente para combatê-la. *Leia nas páginas 5 a 7*



### Conjuntura

Veja nossa análise conjuntural desse primeiro ciclo de lutas de 2017.

Páginas 2 a 4

### Greve 2016

Confira a linha do tempo das ações realizadas e entrevistas com lutadores que participaram do movimento paredista.

Páginas 8 a 14

### Escola Sem Mordça

Artigo da professora Eliane Juraski (IFSC) aborda o papel do educador como intelectual orgânico.

Páginas 15 e 16

# Brasil: às ruas ou ao neocolonialismo

**O**S PRIMEIROS dias de 2017 deixaram os servidores públicos e a sociedade com a sensação de que os ataques aos direitos sociais promovidos no ano passado serão pequenos diante da ofensiva preparada pela classe política. O desmonte do Estado democrático – razão de ser do governo golpista e entreguista encabeçado pelo presidente Michel Temer – ganhou novo impulso com o início do mandato de prefeitos alinhados ao projeto neoliberal e à ideologias reacionárias em um grande número de municípios brasileiros. Como exemplos dessa guinada à direita, podemos considerar o “cortação” promovido pelos prefeitos Gean Loureiro (PMDB) e João Dória (PSDB) em Florianópolis-SC e São Paulo-SP, respectivamente, todos com amplo apoio de grupos parpartidários de direita como o MBL.

Aos cortes promovidos na esfera municipal, somam-se as carências deixadas pelos governos estaduais. No final de 2016, 20 Estados relatavam situação de colapso, alguns em situação de calamidade financeira, especialmente o Rio de Janeiro. Enredados pelo Sistema da Dívida Pública – mecanismo de transferência contínua e crescente de recursos públicos para bolsos privados – os governadores optam por privar a população de serviços básicos: no Rio de Janeiro, além do atraso nos salários dos servidores, a insolvência financeira ameaça a existência da UERJ que, além de oferecer ensino superior público, mantém também serviços de grande importância como o Hospital



Pedro Ernesto. No Espírito Santo, a incapacidade do governo estadual de atender reivindicações de policiais militares lançou a população capixaba à barbárie; uma onda de insegurança e violência que causou mais de 140 mortes após uma semana de paralisação das forças policiais.

Na esfera federal, o recesso parlamentar trouxe um breve interstício ao andamento das reformas propostas pelo governo Temer. Entretanto, a eleição do deputado Rodrigo Maia (DEM-RJ) e do senador Eunício Oliveira (PMDB-CE) para as presidências da Câmara e do Senado, respectivamente, confirmaram o apoio dos par-

lamentares à ofensiva sobre os direitos sociais e geram a expectativa de que as ameaças voltarão com grande ímpeto. Vistas como ameaças à sustentação do bloco governista, a Operação Lava Jato e o julgamento das contas da campanha Dilma-Temer (PT-PMDB) à presidência sofreram reverses com a morte inesperada do Ministro Teori Zavascki (então relator da Lava Jato) e a indicação de Alexandre de Moraes (nome ligado ao PSDB e com atuação criticável como Ministro da Justiça).

A escalada reacionária que observamos no Brasil não é um fenômeno dissonante no contexto internacional. Além do nosso país, a direita tem galgado degraus políticos em países economicamente periféricos como Argentina (com Macri) e Peru (com Kuczynski), mas também nas economias centrais como França (Le Pen) e Estados Unidos (Trump). Dito isso, cabe perguntar: por que a direita avança, seja por meios democráticos ou por meio de rupturas institucionais? Será que se trata apenas de uma mudança de opinião da população, especialmente de setores que ascenderam social-

## EXPEDIENTE



Esta é uma publicação do Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica – SINASEFE.

A gestão 2016-2018 da Direção Nacional do SINASEFE é responsável pelo conteúdo deste informativo. Confira a nominata em nosso site:



Fotos: **Ascom SINASEFE** e **arquivo pessoal dos entrevistados**

Jornalistas profissionais:  
**Mário Júnior** (MTE-AL 1374) e  
**Monalisa Resende** (MTE-DF 8938)

Diagramação:  
**Ronaldo Alves** (RP 5103/DRT-DF)

Ilustrações: **Braga Santos** (disponíveis na cartilha da **CSP-Conlutas**), **Carlos Latuff** e **Ronaldo Alves**

Contatos:  
**(61) 2192-4050 | imprensa@sinasefe.org.br**

# Construção da

# GREVE GERAL

mente e que viveriam algum tipo de ilusão política?

Se nossa resposta fosse afirmativa, o caminho a seguir seria objetivo: disputar a consciência da população. Mostrar à classe trabalhadora os malefícios de governos ultraliberais, ressaltar a importância de manter direitos sociais, destacar a garantia do emprego como fundamental, entre outros. Poderíamos sintetizar tudo numa plataforma eleitoral e oferecer uma alternativa social após a tormenta de direita. A esperança seria de que a dor dos cortes levasse a população a mudar o comando político.

Porém, devemos resistir à tentação de colocar as ideias na frente das razões materiais. Se a direita assume uma postura politicamente ofensiva, ela o faz por necessidades materiais

intrínsecas à sua condição no sistema: a posição de classe capitalista dominante. Desde 2008, assistimos as mais intensas convulsões no sistema capitalista desde a crise de 1929. Evidentemente, as classes capitalistas de cada economia nacional se mexem com o objetivo de garantir a continuidade de sua dominação.

Assumindo essa linha de raciocínio, devemos nos perguntar se as condições materiais mudaram o suficiente para nos fazer crer que nosso adversário político mudará sua tática. Os dados da economia estadunidense, ainda o coração do sistema agonizante, não levam a crer numa recuperação tão rápida: contra a expectativa de 2,6%, o crescimento do PIB dos EUA foi de 1,6% em 2016, a pior taxa desde 2011. A reação a esse cenário por parte do

recém-empossado governo Trump delinear os próximos movimentos da economia global e de seu insistente quadro crítico.

Ainda não há clareza absoluta sobre quais medidas serão implementadas pelo novo governo estadunidense, muito menos sobre suas consequências. Porém, a julgar pela sua campanha e pelos seus primeiros atos, Trump representa não apenas um grande retrocesso em termos de direitos sociais, mas também um retorno ao protecionismo nacionalista, rompendo com o mantra neoliberal que hegemonizou a política internacional nas últimas décadas.

Além do famigerado muro físico que viria a dividir Estados Unidos a México, Trump anunciou a intenção de construir verdadeiros muros fiscais a fim de implementar o princípio do *balanced trades* (comércio equilibrado). Os alvos prioritários dessa nova orientação seriam os principais parceiros comerciais dos Estados Unidos: Japão, México e, principalmente, a China – responsável por metade do déficit comercial apresentado pela economia estadunidense em 2016. Não por outro motivo, um dos primeiros atos de Trump foi cancelar a participação americana do Acordo Transpacífico, atingindo em cheio os interesses econômicos japoneses e mexicanos. Trump ainda projeta implementar impostos de cerca de 35% sobre produtos importados da China.

O que se pode depreender desses movimentos é a intenção de reforçar a posição de dominação dos Estados



Unidos na geopolítica global. Para a maior parte do mundo, inclusive para os brasileiros, isso significará a reafirmação da condição de periferia de um sistema que busca sobreviver pelo acirramento do conflito e da exploração. Não é exagero pensar que, para nós, será de uma espécie de *neocolonialismo*, onde a cantilena do livre mercado sucumbe à realidade de que a maior economia do mundo irá impor condições para realizar trocas comerciais. Admite-se que isso tem um tom apocalíptico, já que não se sabe a profundidade das medidas da *Trumpnomics*. Mas o capitalismo detesta incertezas e, por isso, as empresas já reagem: recentemente, a General Motors suspendeu um contrato de venda de carros do Brasil para o México e, com isso, colocou mais de dois mil funcionários em “férias coletivas”, ou seja, na ante-sala da demissão.

Retomemos agora a questão: por que a direita avança, em especial no Brasil? Historicamente, as classes dominantes brasileiras ocupam uma posição subalterna entre os capitalistas internacionais, especialmente no setor produtivo. Em termos geopolíticos, estivemos sob a órbita de influência estadunidense, com raros momentos de ousadia. Diante desse cenário de crise e incerteza, seu projeto para o país é claro: reafirmar sua posição de subordinação, colocando nossa sociedade e nosso território a serviço do capital. Quiçá até disputar o fluxo de capitais que agora vê dúvidas sobre a validade de investir



na economia chinesa, desde que isso não venha a afrontar os interesses de Trump.

Para isso, os representantes políticos dos dominantes, liderados pelo golpista e corrupto Temer, assumiram a tarefa de realizar o desmonte das garantias sociais da população brasileira. Sabemos que aos olhos do capital, direitos sociais são custos que acabam por arrancar suas chances de valorização. Eliminar direitos trabalhistas e previdenciários, acabar com a saúde e educação públicas, por exemplo, tornaria o Brasil um destino mais “atrativo” para o capital em crise.

O remédio que pretendem oferecer à crise econômica é o sangue e o suor dos trabalhadores. É claro que essa solução conservadora não nos serve, assim como não passaria de um remédio paliativo às dores do capitalismo, um

sistema roto e fadado ao fim. Por isso, a classe trabalhadora brasileira acaba por ser chamada ao enfrentamento decisivo: derrotar as reformas do governo Temer se tornou uma questão literalmente vital. Além de brigar por suas condições de vida, os trabalhadores terão que brigar contra o neocolonialismo apoiado pelas classes dominantes locais. Trata-se de uma luta de classes *stricto sensu*, e greve geral, a paralisação politicamente consciente, carregada de indignação e insubordinação, é a arma necessária para esse confronto.

O SINASEFE e seus combativos sindicalizados não podem se esquivar da tarefa de construir essa mobilização. O primeiro teste será a luta contra a destruição da previdência. É preciso reforçar o chamado à unidade das centrais sindicais na defesa dos trabalhadores, assim como organizar fóruns locais e estaduais com outros sindicatos e movimentos sociais para derrotar Temer e seus aliados a partir das ruas. As manifestações dos dias 8 e 15 de março serão etapas importantes na caminhada rumo à greve geral. Se conseguirmos vencer essa batalha, abriremos os caminhos para retomar o projeto de superação da crise através de uma sociedade organizada pelos trabalhadores para o seu próprio bem, ou seja, o projeto de uma revolução que elimine a exploração e a desigualdade entre os seres humanos e que estabeleça a justiça social como princípio.



# Reforma da Previdência ameaça aposentadoria de todos os brasileiros

**A** NUNCIADA POR Temer como uma de suas prioridades desde antes da consolidação do golpe, quando ele ainda era interino, a Reforma da Previdência projetada pela PEC 287/2016 – apresentada em dezembro do ano passado – aprofunda os ataques que o sistema de previdência e seguridade social vem sofrendo desde 1998, com as reformas introduzidas por FHC, Lula e Dilma.

O já conhecido neoliberalismo dos governantes anteriores foi repaginado pelo golpista dos dias atuais e, caso sua peça seja aprovada pelo legislativo, teremos um sistema previdenciário de alcance impossível ao trabalhador: ninguém conseguirá ter uma aposentadoria integral.

Os pontos polêmicos são muitos, o que nos sugere que a luta contra esta reforma precisa derrotá-la como um todo. Não existem pontos negociáveis no texto da PEC 287 porque nossos direitos consagrados não serão colocados em um balcão de negócios!

As mentiras para justificar a reforma como “necessária” são as mesmas. Começam com a alegação de que há um “rombo impagável nas contas públicas graças à previdência”, sequenciam di-



zendo que “o país não cresce por causa dessa conta que não fecha” e terminam na chantagem barata de que se a previdência não for reformada agora sob os ditames da PEC 287, não haverá dinheiro para pagar as aposentadorias da próxima geração.

E diante dessa chantagem – “perca alguns direitos aqui para não ficar sem receber lá na frente” – todo tipo de ataque ao sistema previdenciário que temos é empreendido. Ataques estes

que forçam o trabalhador a uma projeção de futuro tenebrosa: a de perceber que ele não conseguirá contribuir por 49 anos antes de morrer.

Mesmo com todas as desconfigurações que nossa previdência sofreu com as reformas dos últimos governos, hoje ainda é possível para as mulheres a aposentadoria com 55 anos (com 35 anos de contribuição, pela atual fórmula 85/95): um reconhecimento mínimo pelas jornadas duplas e triplas que as trabalhadoras possuem pela acumulação com o trabalho doméstico e cuidado com os filhos. Temer surtou com a ideia de que mulheres e homens devem trabalhar até, no mínimo, 65 anos, cada um, por achar que todas as mulheres do país possuem a mesma vida que a sua primeira-dama.

Hoje o tempo mínimo de contribuição para conseguir se aposentar é de 15 anos. Nesse quesito o surto de Temer foi ainda mais grave: ele não só quer aumentar o tempo mínimo para 25 anos como impôs que a aposentadoria integral (teto do INSS) só será paga para quem conseguir contribuir por 49 anos. Quem imagina isso como possível?

Servidores públicos terão o desconto





previdenciário aumentado de 11% para 14%. Trabalhadores rurais passarão a ter contribuição obrigatória e seguirão a mesma regra dos trabalhadores urbanos. Por agora, apenas os militares estão livres da PEC 287 – conveniência maior não haveria!

As mudanças previstas nesta reforma, caso aprovadas, passam a entrar em vigor de imediato. A saída que o governo oferece é a de que o trabalhador procure o sistema de previdência complementar privada e pague ainda mais para conseguir sua aposentadoria – algo que somente uma pequena parcela da população tem condição de fazer. A saída que oferecemos é a de lutar para barrar esse ataque e impedir que nosso sistema previdenciário receba esse “golpe de misericórdia”.

### Motivos para lutar contra a PEC 287

Debates sobre a Reforma Previdenciária estão acontecendo nas ruas, nos botecos, nos restaurantes, nos locais de trabalho, nas reuniões familiares e, claro, nas manifestações. Buscando qualificar cada vez mais os argumentos contrários à medida, e assim denunciar alguns mitos, o Informativo SINASEFE analisou dois deles nesta edição:

## 1 O “rombo” na Previdência não existe: a Seguridade Social recebe mais do gasta

Orçamento, matemática, contas e economia em geral: estes não são assuntos de domínio da maioria da população brasileira, quer por falta e interesse ou mesmo de educação de boa qualidade. Se aproveitando disto, governo e mídia tradicional cumprem um papel nefasto ao desinformar e confundir, pregando aos quatro ventos que a Previdência Social está deficitária, vai “quebrar”, que existe um rombo. Até mesmo a palavra que utilizam pode soar estranha para algumas pessoas.

Para desmistificar esta informação, é necessário compreender inicialmente o que é a Previdência Social: *“Quando falamos sobre Previdência Social temos que contextualizá-la em um sistema maior, ao qual está inclusa, ao da Seguridade Social. A Constituição Federal define em seu artigo 194 que ‘a Seguridade Social compreende um conjunto integrado de ações de iniciativa dos Poderes Públicos e da sociedade, destinadas a assegurar os direitos relativos à saúde, à previdên-*

*cia e à assistência social’, e é formada pela Previdência Social, Saúde Pública e Assistência Social. Explica o economista Eric Gil, no portal Pragmatismo Político.*

Sendo assim, após entender a Previdência em seu devido lugar, observe que ela é um dos segmentos do Sistema de Seguridade Social Brasileiro. Logo, existe uma fatia do Orçamento Federal reservada exclusivamente para este sistema.

Esta fatia, além de aglutinar todas as contribuições de trabalhadores e patrões (rurais e urbanos), se compõe com dinheiro de concursos prognósticos (sim, aquela “fézinha” lá das loterias também financia a Seguridade Social), da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), o Programa de Integração Social (PIS), o Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (Pasep) e as receitas das entidades da Seguridade (MDS, MPS, FAT).

Se chega dinheiro de vários lugares, como seria possível a conta não fechar?

Quando o governo apresenta os números da Previdência Social ele a descola do Sistema de Seguridade Social, mostrando uma leitura parcial dos números. Além disto, ignora a diversidade de receitas que compõem o orçamento da seguridade e apresenta apenas a arrecadação das contribuições de patrões e trabalhadores.

Confira no gráfico, elaborado a partir do material da Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal (Anfip), as receitas e despesas da Seguridade Social e confirme que não existe rombo na Seguridade Social, e sim sobra de dinheiro.

### SEQUÊNCIA DE SUPERÁVITS

Rs BILHÕES	2012	2013	2014	2015
RECEITA	595,8	651,1	687,8	694,2
DESPESA	513,0	574,7	632,1	683,1
SALDO	82,8	76,4	55,7	11,1

## Calendário de tramitação da PEC 287 na Câmara Federal

**15/03** Leitura do parecer do relator da PEC (Arthur Maia) na comissão especial

**21/03** Votação do texto da PEC na comissão especial

**28/03** Votação do texto da PEC no plenário em 1º turno

**06/04** Votação do texto da PEC no plenário em 2º turno

## 2 O crescente envelhecimento da população não reduzirá drasticamente as receitas da Seguridade (o que supostamente aconteceria em 2060)

O governo argumenta que as projeções de envelhecimento da população brasileira, que estaria em alta no ano 2060, ou seja, somente daqui a 43 anos, seria de extremo impacto nas contas públicas. É positivo sim que os trabalhadores tenham sua

expectativa de vida aumentada, o lado perverso disto é o governo se utilizar deste dado para, num exercício de “futurologia” dizer que as contas estariam prejudicadas por este movimento.

O que fazer então? Gerir com inteligência os recursos: acabar com o desvio das verbas da Seguridade Social para o pagamento de juros da dívida e parar com a crescente desoneração previdenciária concedida aos empresários. Estas sim seriam medidas equilibradoras das contas.

Além disto, é necessário levar em conta a tendência capitalista do mercado de trabalho de estimular cada vez maior a chamada produtividade. Assim, os trabalhadores mais jovens continuam financiando, com suas elevadas taxas de produtividade, o sistema previdenciário.

Para a economista Denise Gentil, em coletiva recente sobre a PEC 287/2016, o governo deve investir em educação e inovação para garantir o crescimento da economia e da capacidade do país de gerar e distribuir riquezas. Ela também denuncia a falta de cobrança, por parte do INSS, de dívidas bilionárias de diversas empresas, que podem ultrapassar 300 bilhões de reais.

“Precisamos debater a questão do envelhecimento populacional, da maior longevidade e queda na taxa

de fecundidade. Mas esse é um debate que pode ser feito com calma. Precisamos que todas as receitas e despesas do sistema de seguridade social sejam divulgadas e esclarecer o que é da conta da Previdência e o que é da seguridade. Hoje, pelo que se sabe, o governo arrecada mais do que gasta com a seguridade como um todo, mas tira dezenas de bilhões por meio da Desvinculação das Receitas da União (DRU) para pagar juros da dívida pública. Além disso, há a questão das desonerações do pagamento da Previdência para as empresas e da dívida ativa”. Defende o economista Odilon Guedes, em matéria divulgada pela Agência Brasil.

### Cartilha da CSP-Conlutas

A CSP-Conlutas, nossa Central Sindical e Popular, lançou uma cartilha de formação e orientação sobre os ataques contidos na PEC 287 e dos motivos para sermos contrários à Reforma da Previdência.

Além da cartilha, há todo um kit de campanha contra a PEC 287, contendo adesivos e cartazes para download. Confira o material no site da Central. Acesse aqui:



### REGRAS DE APOSENTADORIA PELO MUNDO

<b>EUA</b>	Tempo de serviço: <b>20 a 35</b> anos Idade mínima exigida: <b>não existe</b>
<b>INGLATERRA</b>	Tempo de serviço: <b>25</b> anos Idade mínima exigida: <b>50</b> anos
<b>CHILE</b>	Tempo de serviço: <b>20</b> anos Idade mínima exigida: <b>55</b> anos
<b>FRANÇA</b>	Tempo de serviço: <b>27</b> anos Idade mínima exigida: <b>52</b> anos
<b>ITALIA</b>	Tempo de serviço: <b>33</b> anos Idade mínima exigida: <b>53</b> anos
<b>ARGENTINA</b>	Tempo de serviço: <b>20 a 30</b> anos Idade mínima exigida: <b>não existe</b>
<b>BRASIL</b>	(caso a PEC 287 seja aprovada) Tempo de serviço: <b>49</b> anos Idade mínima exigida: <b>65</b> anos

Marque ‘M’ para MENTIRA e ‘V’ para VERDADE:

Existe déficit na Previdência Social (M)

Não existe déficit na Previdência Social (V)

# Linha do tempo da greve 2016



## OUTUBRO

EXPLODEM AS ocupações estudantis nas escolas e universidades, tendo como pautas principais as lutas contra a PEC 55 e contra a Reforma do Ensino Médio (MPV 746). Mais de 1000 unidades foram ocupadas em todo o Brasil. Em nossa Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, a primeira ocupação foi a do campus Águas Lindas de Goiás do IFG, que começou em 03/10. O movimento dos estudantes foi decisivo para influenciar as bases do SINASEFE a enfrentarem os ataques do governo Temer com uma greve!



## 26 DE

**OUTUBRO:** Após mais de 14 horas de sessão, PEC 241/2016 foi aprovada por 359 x 116 em votação de segundo turno na Câmara Federal. Texto vai ao Senado e passa a tramitar como PEC 55/2016.



## 8 DE NOVEMBRO:

Direção Nacional (DN) protocolou ofícios junto aos Ministérios da Educação e da Defesa informando sobre greve nacional a ser deflagrada a partir de 11 de novembro.

## 11 DE

**OUTUBRO:** PEC 241/2016 foi aprovada por 366 x 111 em votação de primeiro turno na Câmara Federal.

## 5 E 6 DE

**NOVEMBRO:** Com 108 delegados e 58 observadores credenciados, 145ª PLENA aprovou a 17ª greve nacional do SINASEFE.

## 11 DE

**NOVEMBRO:** Greve nacional é deflagrada a partir do dia do aniversário de 100 anos do nosso país.



## 29 DE

**NOVEMBRO:** No auge da greve 2016, mais de 30 mil lutadores de todo o país estiveram na Esplanada dos Ministérios, em luta contra a PEC 55/2016. A PEC foi aprovada pelo plenário do Senado em votação de primeiro turno por 61 x 14 e o ato nas ruas de Brasília-DF foi duramente reprimido pela Polícia Militar.



## 3 E 4 DE

**DEZEMBRO:** Contando com a participação do SINASEFE, Frente Escola Sem Mordça realizou primeiro curso de formação de multiplicadores, no Rio de Janeiro-RJ.

## 30 DE

**NOVEMBRO e 1º DE DEZEMBRO:** Com 52 delegados e 27 observadores credenciados, 146ª PLENA aprovou a continuidade da greve nacional do SINASEFE e repudiou a violência da Polícia Militar contra os trabalhadores e estudantes em luta contra a PEC 55/2016.

## 5 DE DEZEMBRO:

Renan Calheiros foi afastado da Presidência do Senado por decisão do Ministro do STF Marco Aurélio Mello e tramitação da PEC 55/2016 ficou momentaneamente ameaçada.

## 6 DE

**DEZEMBRO:** Debate na Câmara dos Deputados sobre a Reforma do Ensino Médio (MPV 746/2016).



## 27 DE

**NOVEMBRO:** Quarto quadro de greve contabiliza 29 seções em adesão ao movimento paredista, paralisando 123 unidades de ensino em 20 estados – foi o momento do auge da greve 2016. DN do SINASEFE realizou sua quarta reunião, contando com a presença do CNG no debate.



Unidade	Local	Data de Início	Data de Término	Status
IFG - Águas Lindas de Goiás	Águas Lindas de Goiás	03/10	03/10	Ativa
IFG - Goiânia	Goiânia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Jataí	Jataí	03/10	03/10	Ativa
IFG - Luziânia	Luziânia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Morrinhos	Morrinhos	03/10	03/10	Ativa
IFG - Pirenópolis	Pirenópolis	03/10	03/10	Ativa
IFG - Rio Verde	Rio Verde	03/10	03/10	Ativa
IFG - São João del-Rei	São João del-Rei	03/10	03/10	Ativa
IFG - Uruaçu	Uruaçu	03/10	03/10	Ativa
IFG - Valparaíso de Goiás	Valparaíso de Goiás	03/10	03/10	Ativa
IFG - Vila Rica	Vila Rica	03/10	03/10	Ativa
IFG - Zé Delfino	Zé Delfino	03/10	03/10	Ativa
IFG - Anápolis	Anápolis	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itumbera	Itumbera	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapaci	Itapaci	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itagimirim	Itagimirim	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itaocara	Itaocara	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetininga	Itapetininga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itamaraju	Itamaraju	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itambé	Itambé	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapicoba	Itapicoba	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapiranga	Itapiranga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapococa	Itapococa	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapora	Itapora	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetinga	Itapetinga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapicoba	Itapicoba	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapiranga	Itapiranga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapococa	Itapococa	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapora	Itapora	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetinga	Itapetinga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapicoba	Itapicoba	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapiranga	Itapiranga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapococa	Itapococa	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapora	Itapora	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetinga	Itapetinga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapicoba	Itapicoba	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapiranga	Itapiranga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapococa	Itapococa	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapora	Itapora	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetinga	Itapetinga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapicoba	Itapicoba	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapiranga	Itapiranga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapococa	Itapococa	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapora	Itapora	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetinga	Itapetinga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapicoba	Itapicoba	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapiranga	Itapiranga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapococa	Itapococa	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapora	Itapora	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetinga	Itapetinga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapicoba	Itapicoba	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapiranga	Itapiranga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapococa	Itapococa	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapora	Itapora	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetinga	Itapetinga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapicoba	Itapicoba	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapiranga	Itapiranga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapococa	Itapococa	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapora	Itapora	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetinga	Itapetinga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapicoba	Itapicoba	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapiranga	Itapiranga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapococa	Itapococa	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapora	Itapora	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetinga	Itapetinga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapicoba	Itapicoba	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapiranga	Itapiranga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapococa	Itapococa	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapora	Itapora	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetinga	Itapetinga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapicoba	Itapicoba	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapiranga	Itapiranga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapococa	Itapococa	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapora	Itapora	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetinga	Itapetinga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapicoba	Itapicoba	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapiranga	Itapiranga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapococa	Itapococa	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapora	Itapora	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetinga	Itapetinga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapicoba	Itapicoba	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapiranga	Itapiranga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapococa	Itapococa	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapora	Itapora	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetinga	Itapetinga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapicoba	Itapicoba	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapiranga	Itapiranga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapococa	Itapococa	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapora	Itapora	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetinga	Itapetinga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapicoba	Itapicoba	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapiranga	Itapiranga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapococa	Itapococa	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapora	Itapora	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetinga	Itapetinga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapicoba	Itapicoba	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapiranga	Itapiranga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapococa	Itapococa	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapora	Itapora	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetinga	Itapetinga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapicoba	Itapicoba	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapiranga	Itapiranga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapococa	Itapococa	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapora	Itapora	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetinga	Itapetinga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapicoba	Itapicoba	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapiranga	Itapiranga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapococa	Itapococa	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapora	Itapora	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetinga	Itapetinga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapicoba	Itapicoba	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapiranga	Itapiranga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapococa	Itapococa	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapora	Itapora	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetinga	Itapetinga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapicoba	Itapicoba	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapiranga	Itapiranga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapococa	Itapococa	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapora	Itapora	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetinga	Itapetinga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapicoba	Itapicoba	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapiranga	Itapiranga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapococa	Itapococa	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapora	Itapora	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetinga	Itapetinga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapicoba	Itapicoba	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapiranga	Itapiranga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapococa	Itapococa	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapora	Itapora	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetinga	Itapetinga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapicoba	Itapicoba	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapiranga	Itapiranga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapococa	Itapococa	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapora	Itapora	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetinga	Itapetinga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapicoba	Itapicoba	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapiranga	Itapiranga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapococa	Itapococa	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapora	Itapora	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapetinga	Itapetinga	03/10	03/10	Ativa
IFG - Itapissolândia	Itapissolândia	03/10	03/10	At



**16 DE NOVEMBRO:** Comando Nacional de Greve (CNG) é instaurado em Brasília-DF. Audiência Pública no Senado debate o Projeto de Lei do Escola Sem Partido (PLS 193/2016).



**20 DE NOVEMBRO:** CNG lança primeiro boletim da greve, convocando bases à marcha a Brasília-DF de 29 de novembro, denunciando truculência de reitores contra o movimento paredista e homenageando a passagem do Dia da Consciência Negra.



**25 DE NOVEMBRO:** Atos nas principais cidades do país são realizados contra a PEC 55/2016. Em Brasília-DF, CNG participa de panfletagem e ato cultural na rodoviária do plano piloto, com convocação à marcha de 29 de novembro. Fidel Castro faleceu em Havana, aos 90 anos.

**17 DE NOVEMBRO:** Primeiro quadro de greve contabiliza 22 seções em adesão ao movimento paredista, paralisando 67 unidades de ensino em 12 estados. Segundo Informativo Mensal do SINASEFE é lançado com especial sobre a greve 2016.

**24 DE NOVEMBRO:** CNG lança segundo boletim da greve, convocando bases à 146ª PLENA (em 30/11 e 01/12) e denunciando vitórias obtidas no combate ao corte de ponto por alguns reitores.

UF	Seção	Unidade
AC	Associação de Professores do Ensino Médio	Colégio Estadual de Ensino Médio
AL	Associação de Professores do Ensino Médio	Colégio Estadual de Ensino Médio
AM	Associação de Professores do Ensino Médio	Colégio Estadual de Ensino Médio
AP	Associação de Professores do Ensino Médio	Colégio Estadual de Ensino Médio
BA	Associação de Professores do Ensino Médio	Colégio Estadual de Ensino Médio
CE	Associação de Professores do Ensino Médio	Colégio Estadual de Ensino Médio
DF	Associação de Professores do Ensino Médio	Colégio Estadual de Ensino Médio
ES	Associação de Professores do Ensino Médio	Colégio Estadual de Ensino Médio
GO	Associação de Professores do Ensino Médio	Colégio Estadual de Ensino Médio
MA	Associação de Professores do Ensino Médio	Colégio Estadual de Ensino Médio
MT	Associação de Professores do Ensino Médio	Colégio Estadual de Ensino Médio
MS	Associação de Professores do Ensino Médio	Colégio Estadual de Ensino Médio
PA	Associação de Professores do Ensino Médio	Colégio Estadual de Ensino Médio
PE	Associação de Professores do Ensino Médio	Colégio Estadual de Ensino Médio
PI	Associação de Professores do Ensino Médio	Colégio Estadual de Ensino Médio
PR	Associação de Professores do Ensino Médio	Colégio Estadual de Ensino Médio
RS	Associação de Professores do Ensino Médio	Colégio Estadual de Ensino Médio
SC	Associação de Professores do Ensino Médio	Colégio Estadual de Ensino Médio
SP	Associação de Professores do Ensino Médio	Colégio Estadual de Ensino Médio
TO	Associação de Professores do Ensino Médio	Colégio Estadual de Ensino Médio



O: Greve  
lagrada no  
ário de 28  
sindicato.



DEZEMBRO:  
âmara dos  
obre a  
Ensino Médio  
016).

**7 DE DEZEMBRO:** Pelo placar de 6 x 3, Ministros do STF decidem manter Renan Calheiros na Presidência do Senado e derrubam afastamento de dois dias atrás. Pela manhã foi realizado um ato contra a PEC 55/2016 na Esplanada dos Ministérios, que contou com quase 500 pessoas.



**13 DE DEZEMBRO:** Mesmo com atos de protesto nas principais cidades do país, PEC 55/2016 foi aprovada em segundo turno pelo plenário do Senado por 53 x 16 (eram necessários 49 votos). Em Brasília-DF, mais de cinco mil foram à Esplanada dos Ministérios, mas a Polícia Militar (mais uma vez) reprimiu violentamente os manifestantes sem sequer deixar o ato iniciar o seu percurso.



**15 DE DEZEMBRO:** PEC 55/2016 é promulgada pelo Senado, estabelecendo o congelamento de investimentos em serviços públicos no país por 20 anos.

**17 E 18 DE DEZEMBRO:** Com 42 delegados e oito observadores credenciados, 147ª PLENA aprovou a suspensão da greve 2016 do SINASEFE. Inícios do recesso parlamentar e do período de férias escolares foram os principais motivadores desse recuo estratégico do movimento. A disposição das bases em lutar contra o governo Temer e contra os seus sucessivos golpes na classe trabalhadora foi reafirmada!

**BALANÇO FINAL:** TIVEMOS 37 dias de paralisação nacional na greve 2016, envolvendo ao todo 37 seções sindicais e paralisando 125 unidades de ensino em 20 estados e no Distrito Federal.



**SINASEFE**  
**CONSTRUINDO A**  
**GREVE**  
**GERAL**  
**NA LUTA E NAS RUAS**

# Greve 2016: entrevistas com alguns dos lutadores que construíram o movimento

**O** Informativo SINASEFE, além de fazer a retomada de alguns elementos da greve 2016 numa linha do tempo, ouviu três sindicalizados que estiveram envolvidos no processo de mobilização e apresenta a seguir a percepção destes militantes. Como não poderia faltar, apresentamos também a entrevista com a estudante Débora Souza que construiu uma das ocupações estudantis que sacudiu a Rede Federal no ano de 2016.



**Camila Marques é professora do campus Águas Lindas de Goiás do IFG. Militante da Intersindical, ela atua no Sinasefe Águas Lindas desde a fundação da seção, em 28 de setembro de 2016.**

*A greve em seu local de trabalho (campus Águas Lindas) foi iniciada antes da deflagração nacional do movimento paredista. Como foi a mobilização dos trabalhadores e a construção deste processo? Você considera que o contexto local também influenciou?*

**Sim, a nossa greve começou no dia**

10 de outubro de 2016. Já estávamos mobilizados e fizemos reunião com os pais, atividades em conjunto com o movimento estudantil, já havia ocupação. A discussão no campus se dava sobre quando iniciar o movimento e as dificuldades de fazer uma greve dessa dimensão, uma greve de enfrentamento às políticas do Governo Federal, sem que outros campi entrassem nesse movimento, já que fomos o primeiro campus a deflagrar greve. No entanto, avaliamos que seria uma greve difícil, mas extremamente legítima e necessária. Apesar de não termos pautas locais específicas, consideramos que o contexto local influenciou bastante, pois as políticas públicas já são oferecidas de forma precária a uma cidade como

Águas Lindas, região do “entorno” do DF. A cidade é chamada de cidade “nem-nem”: nem é atendida pelo governo do DF e nem pelo governo do Goiás. Assim, pensar nos ataques feitos a setores fundamentais como saúde e educação que serão atingidos pela PEC é vislumbrar como essa comunidade será ainda mais afetada com essas políticas.

*Quais os maiores desafios, em sua opinião, de se construir um movimento com uma pauta mais política e não necessariamente de reivindicações específicas de categoria?*

**Há uma cobrança de concretude, de resultados na mobilização e de como deixar claro para os que fazem**



*Campus Águas Lindas de Goiás do IFG*

a luta que o movimento que estamos fazendo no nosso campus tem repercussão nacional. Avaliamos que tivemos sucesso nessa tarefa em dois aspectos. Primeiro no sentido de que nosso objetivo com a mobilização era realizar o diálogo com a comunidade, pautar as mudanças da PEC, da Reforma do Ensino Médio, reformas da previdência e trabalhista, pois esses ataques estão sendo encaminhados de forma muito rápida e os trabalhadores sequer tinham ciência do que estava em jogo. Ao final, percebemos que inclusive as mídias oficiais tiveram que noticiar que a PEC foi aprovada com rejeição da maioria da população, isto é um sinal de que esse diálogo com os demais trabalhadores, para além dos muros da instituição foi vitorioso. O segundo ponto que precisaremos ainda avançar, mas iniciamos nessa greve é que nós não temos que ir todas as vezes até Brasília para mostrar nossa indignação, ao contrário, nossas mobilizações país a fora tem que repercutir em Brasília, aí sim teremos condições de barrar os ataques sofridos.

***Em relação a greve nacional do Sinasefe 2016, como você percebe o movimento? E a retomada em 2017, qual sua percepção?***

A nossa avaliação é que foi positivo o fato de termos uma greve chamada e conduzida pelas bases, mas que esse descolamento da representação da Direção Nacional é um problema que enfrentamos, e que o esvaziamento do Comando Nacional de greve atrapalhou nesse sentido. Outro aspecto importante é a confusão apresentada por diversos grupos que compõem o SINASEFE como se houvesse contradição da necessidade de ter um movimento do conjunto dos trabalhadores com a greve geral. Fizemos uma greve da educação com vistas a construir a greve geral e esse foi um passo importante a ser dado na retomada da luta dos trabalhadores.

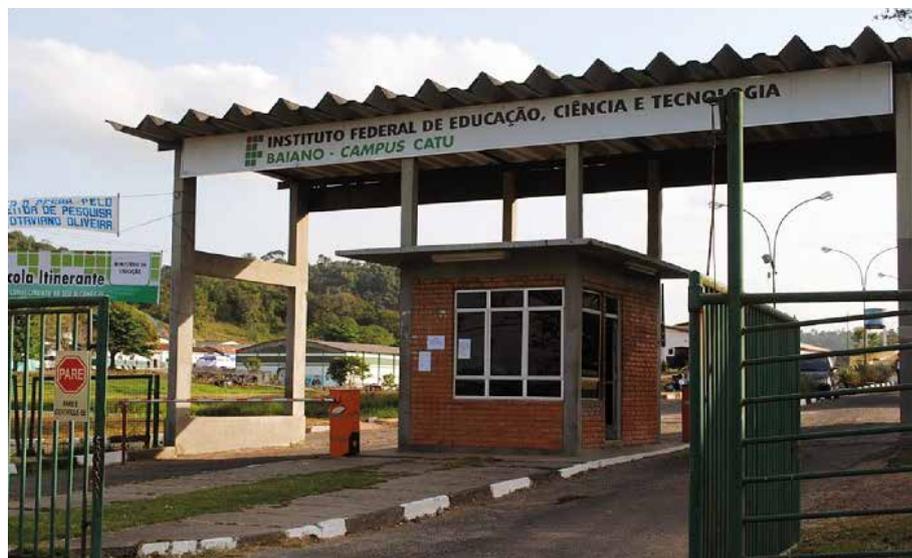
**Em 2017 os ataques generalizados se mantém e a necessidade de uma ação de classe se coloca como tarefa fundamental. Para isso precisamos**

construir as mobilizações e ações nos locais de trabalho, em conjunto com a comunidade, com os pais, com o movimento estudantil, é momento de levantar as mangas, de retomar forte esse trabalho de base, pois a “auto-proclamação”, os grandes chamados, já se mostraram inviáveis nesse momento.



**Ed Fábio Silva Agapito é engenheiro de alimentos do campus Catu do IF Baiano e atual coordenador do Sinasefe Catu.**

***O campus Catu, do IF Baiano, teve uma participação bem expressiva na greve 2016, além de estar na vanguarda das ocupações estudantis que se espalharam***



*Campus Catu do IF Baiano*

***pela Rede Federal. Como se deu a mobilização dos trabalhadores em seu local de trabalho, como foi a construção deste processo? Você considera que a pauta local também influenciou?***

A seção Catu deflagrou estado de greve no início de abril e se preparou por sete meses para entrar no movimento paredista o que nos fez amadurecer de forma gradativa com a realização de intenso trabalho de base o qual incluiu dois seminários temáticos sobre Questões Étnico-raciais e sobre o Escola sem Partido além de assembleias quinzenais no campus intercaladas com aulas públicas sobre os principais ataques do Governo à classe trabalhadora, tais como o PLP 257 e a Lei das terceirizações.

**Em junho de 2016 fomos ao Encontro Nacional de Educação em Brasília com uma caravana de seis representantes que detectaram a extrema importância de se empoderar a luta estudantil local e a necessidade de aproximação irrestrita com os estudantes de nosso campus enxergando-os e tratando-os dentro de uma mesma classe, a dos explorados pelo capital. O grito de luta ecoado a forte pulmões no ENE virou o mantra da nossa seção sindical e a grande meta a ser alcançada em nosso campus: “A nossa luta Unificou, É estudante junto com trabalhador!”.**

**Com um planejamento que perpassava por duas reuniões presenciais**

semanais conseguimos a partir do mês de agosto atingir os estudantes de forma real, despertando o empoderamento neles para as grandes lutas que se desenhariam num futuro imediato. O dia 11 de agosto de 2016, Dia dos Estudantes, teve seus festejos deixados de lado por uma grande paralisação em nosso campus com movimento de rua no Dia Nacional de Lutas pela Educação Pública no país e, numa perspectiva histórica, o campus Catu do IF Baiano esteve com 300 estudantes e servidores do campus tomando as ruas de Catu e balançando as estruturas políticas e do poder público da cidade. O combate ao PLP 257 e ao Escola Sem Partido eram as duas maiores bandeiras da nossa classe à época.

**Após** o 11 de Agosto intensificou-se a relação dos estudantes com a nossa Seção Sindical o que produziu mais três movimentos de rua, a deflagração de ocupação do campus e greve dos Servidores e a realização de três ciclos de debate de greve, a ida de duas caravanas à Brasília, uma "greve geral" que parou a cidade no dia 11 de Novembro e por fim, no ponto alto dos movimentos, a deflagração da ocupação conjunta da Câmara dos Vereadores da cidade. Conseguimos que os vereadores aprovassem por unanimidade uma moção de aplausos aos estudantes ocupantes do IF e que submetessem para votação Projeto de Lei que criará uma comissão estudantil municipal permanente para análise de todas as demandas relacionadas à educação que forem submetidas à câmara, mostrando que não só a pauta nacional teve influência como também a pauta local. **Criou-se** uma identidade tão grande com o que foi produzido nas ocupações e na greve que o campus Catu adquiriu status tácito de reduto de proteção aos adolescentes LGBT durante a ocupação. Um slogan foi naturalmente gestado durante este movimento: "Vem pra CÁ TU também!"

*Quais os maiores desafios, na sua opinião, de se construir um movimento com uma pauta mais*

### *política e não necessariamente de reivindicações específicas de categoria?*

**A** falta de consciência de classe da maioria dos servidores!

**Uma** vez reconhecendo-nos como trabalhadores e trabalhadoras explorados pelo grande capital as questões políticas relacionadas à luta de classes ganham mais força e significado e até os trabalhadores assalariados, estudantes ou desempregados passam a nos enxergar como um deles e nos ouvir e seguirmos para a efetivação da tão sonhada construção de movimentos unificados da classe pobre e trabalhadora.

**Em** Catu um grupo reduzidíssimo de servidores com consciência de classe da seção do SINASEFE local foi suficiente para balançar as estruturas da cidade e aglomerar forças com associações de desempregados, estudantes, petroleiros, metalúrgicos, servidores públicos municipais e estaduais. Passamos a ser enxergados como trabalhadores e não mais como pequenos burgueses pela grande massa de trabalhadores com condições muito mais desfavoráveis que as nossas, servidores federais.

**Outro** grande desafio é entender que nenhum trabalho inicial sério produzirá resultados eficazes da noite pro dia. É preciso planejamento, passar por obstáculos, por derrotas, não desistir e ter a consciência que os frutos daquele movimento deverão ser colhidos mais adiante e não no atual momento. Foi com essa mentalidade e o trabalho de base de formiguinha que conseguimos resultados fantásticos em tão pouco tempo.

### *Em relação à greve nacional do SINASEFE de 2016, como você percebe o movimento? E a retomada em 2017, qual sua percepção?*

**Foi** necessária. Sabíamos desde o início que era uma pauta política com poucas chances de reversão. A principal bandeira foi o combate a PEC 241 (PEC 55), que encontrava alto lastro político no Congresso para ser aprovada. Então a nossa greve

foi para reensinar a categoria a lutar, para aprendermos a caminhar e seguir na luta ao lado dos estudantes, E, principalmente, para nos enxergar como uma força política (servidores da Educação Pública) capaz de aglomerar forças com os setores produtivos e o restante dos trabalhadores do Brasil.

**Essa** greve foi uma das greves mais importantes pelos frutos políticos que ela deixou nos campi dos institutos que a encamparam de forma consciente e sem interesses obscuros por trás.

**O** maior legado desta greve foi a aproximação dos movimentos de estudantes com servidores e saber que só a luta muda o caminho!

**A** retomada em 2017 perpassa pelas mesmas estratégias: Trabalho de Base + Ciclo de Debates + Mobilizações de Rua + Aglomeração com outras categorias de trabalhadores para fortalecer a greve geral. Nosso maior papel é ser o vetor de aglomeração dos trabalhadores contra as reformas da previdência e trabalhista.



**Julio Mangini é professor de história do campus Samambaia do IFB, está como coordenador de formação sindical e política do Sinasefe Brasília, atua em defesa dos direitos humanos e da democracia.**

*O Instituto Federal de Brasília (IFB) foi criado recentemente,*



Campus Samambaia do IFB

*se comparado à maioria dos institutos, consequentemente a organização dos trabalhadores no Sinasefe Brasília também é algo novo. Ainda assim, a deflagração da greve foi anterior à deliberação conjunta/nacional. Como se deu a mobilização da categoria e a construção deste processo? Você considera que a pauta local também influenciou?*

**Entendo** que o sindicato é uma ferramenta muito útil para a luta em defesa da classe trabalhadora. Todavia, muitas pessoas usam esse dispositivo para lançar plataforma de algum partido ou para promoção pessoal. A construção da greve do IFB foi pensada a partir do seguinte princípio: lutar com quem quer lutar. Nesse sentido, percebemos que a luta precisa englobar mais o “nós” e menos o “eu”. Para tanto, foi fundamental fazer rodada constante em diversos campi, conversando com os servidores, estudantes, sensibilizando a comunidade como um todo sobre o perigo que é, não só para os Institutos Federais, como para toda sociedade, a aprovação da PEC 241, hoje PEC 55.

**Quebrar** a barreira que existe entre sindicato e trabalhador é algo muito difícil, mas necessário. Mas foi tentando estabelecer um discurso de igualdade, fortalecido pelas ocupações dos estudantes que ocorriam cada vez mais, e foi definido pela base (e não poderia ser de outra ma-

neira) o que o sindicato deveria fazer. O sindicato, apesar de pouquíssimas pessoas, contou com o apoio e militância de muitos servidores que sequer eram sindicalizados, mas estavam bem conscientes da necessidade de luta contra a PEC 241 e a MP 746. Essa foi a pauta da greve do IFB.

**A** assembleia que deflagrou a greve tinha bastante gente, como há muito não se via. Muitos foram na assembleia, mas não acataram a decisão da maioria e simplesmente continuaram a vida do jeito que achavam que deveria ser. Claro, foram potencializados por vários diretores fascistas, em conluio com a gestão atual do instituto, os quais fizeram de tudo para boicotar todo e qualquer movimento, principalmente dos estudantes, que faziam as ocupações, movimento esse que merece destaque por sua vanguarda e ousadia.

**Na** necessidade de levar em consideração a máxima de “lutar com quem quer lutar”, não medimos esforços para mobilização, ainda que isso significava que meia dúzia recebiam a transferência de responsabilidade de todos aqueles que se diziam dispostos a lutar mas não lutavam. Muitos tinham receio de corte de ponto, outros simplesmente não se envolviam. Particularmente, eu via essa cultura de transferência de responsabilidade como mais um motivo para engajamento na luta. Importante destacar que foi fundamental o espírito de luta

de alguns companheiros da seção do IFG Águas Lindas. Ou seja, luta com quem quer lutar significa aglutinar a militância de diversas correntes e localidades próximas com um único intuito: barrar o golpe e as políticas golpistas.

*Quais os maiores desafios, em sua opinião, de se construir um movimento com uma pauta mais política e não necessariamente de reivindicações específicas de categoria?*

**No** atual momento eu só posso pensar em pautas que aglutinam os trabalhadores e trabalhadoras, em especial da educação. A pauta a ser levantada é em defesa da democracia, dos direitos humanos e pelo direito de se aposentar. Carreira única, aumento salarial são bom chamariz, mas que podem camuflar a gravidade da conjuntura. Estamos entrando num período nefasto, autoritário e, politizar a militância, não só com bravatas e discursos já conhecidos, mas com práticas contundentes no cotidiano do trabalhador, é fundamental. Mobilizar as bases, acima de qualquer orientação de central sindical ou partido é função primordial daqueles que acreditam que só a luta muda a vida.

**Quando** o trabalhador perceber que as centrais e partidos políticos de esquerda (tão desacreditados nessa era da pós-verdade) também estão suando a camisa, talvez aí estejamos próximos de uma unidade que há muito tempo não era vista.

**Mas** isso ainda está longe, o servidor da Rede Federal está embriagado com os recentes aumentos e recebimento dos retroativos do RSC, não se interessa por nada que ocorre no sindicato, não faz ideia do que seja uma central sindical. Mas devemos insistir. É fundamental que voltemos a fazer o trabalho de formiguinha. Árduo, mas necessário. O sindicalista, portanto, precisa dar o exemplo. Precisa sair da redoma e da bolha que a esfera da direção sindical proporciona. Em tempos de graves ataques a classe trabalhadora, não podemos

economizar dinheiro e esforços para fazer mobilização onde quer que seja. Precisamos ser mais solidários e estar presentes, onde quer que seja.

*Em relação a greve nacional do Sinasefe 2016, como você percebe o movimento? E a retomada em 2017, qual sua percepção?*

**2017** começa, para o SINASEFE, na 148ª PLENA. Precisamos fazer bons debates nos GT e encaminhar o que for deliberado e discutido. Temos obrigação de abandonar egos e comissões de ética para tudo que se possa imaginar. Precisamos entender que o meu inimigo, o nosso inimigo aliás, está lá do outro lado, está na esfera do governo. Precisamos sair fortalecidos e menos desconfiados um dos outros. Precisamos nos abraçar e ir pra cima, o tom do nosso discurso e prática precisa ser de ir pra luta, sem titubear. Abandonar os medos, bora para luta, vamos pra cima, essas, talvez seriam as insígnias que creio que nós devemos defender e lutar. Tal posicionamento é o que difere daqueles que querem apenas aproveitar do momento para disputar o sindicato, daqueles que querem sensibilizar a classe trabalhadora para luta. Eu faço parte do grupo que quer mobilizar. Esse é o nosso maior desafio.



**Débora Souza é estudante do curso de Comunicação Visual do campus Pelotas do IF Sul,**



*Campus Pelotas do IF Sul*

**militante do movimento "Ocupa IF Sul" desde outubro de 2016 e do coletivo feminista "Juntas" desde 2015.**

O campus em que você estuda (favor indicar exatamente qual) passou por um processo intenso de mobilização em 2016. Como foi este processo? Qual o legado desta mobilização na sua opinião?

O processo de mobilização no campus Pelotas do IF Sul inicialmente foi muito intenso, tendo grande peso de todos os alunos e apoio de professores e servidores. O movimento de ocupação (Ocupa IF Sul) se fez presente em todas as programações possíveis, sejam em atos, palestras e oficinas. O legado certamente será a força dos alunos, que enfrentaram tudo que foi possível pelos seus ideais, fizemos história no nosso instituto e ao mesmo tempo criamos uma família que é reconhecida em todos os lugares, uma família de luta.

*Conte um pouco de como foi a ocupação da reitoria, com a chegada dos estudantes no meio da reunião do Consup?*

A ocupação da reitoria foi uma estratégia para mostrar nossa força, usamos para provar ao nosso diretor

que tanto nos subestimava que nossa luta apenas começava. Escolhemos o momento exato da reunião como uma afronta ao reitor, que se disse a favor do movimento e mesmo assim pediu reintegração de posse, provando que o apoio era falso. Contudo, essa fase do movimento serviu como amadurecimento, percebemos que tínhamos mais apoiadores que o esperado, o ato antes de ocupar reitoria mostrou a nossa conquista, e somos gratos por isso.

*E a relação entre a greve dos servidores do IF e as ocupações, como você percebeu este aspecto?*

A ocupação se iniciou uma semana antes da greve, desde o início fomos apoiados pelo sindicato e vice-versa, a união foi muito necessária.

*E para 2017, o que você aguarda diante da conjuntura tão desfavorável?*

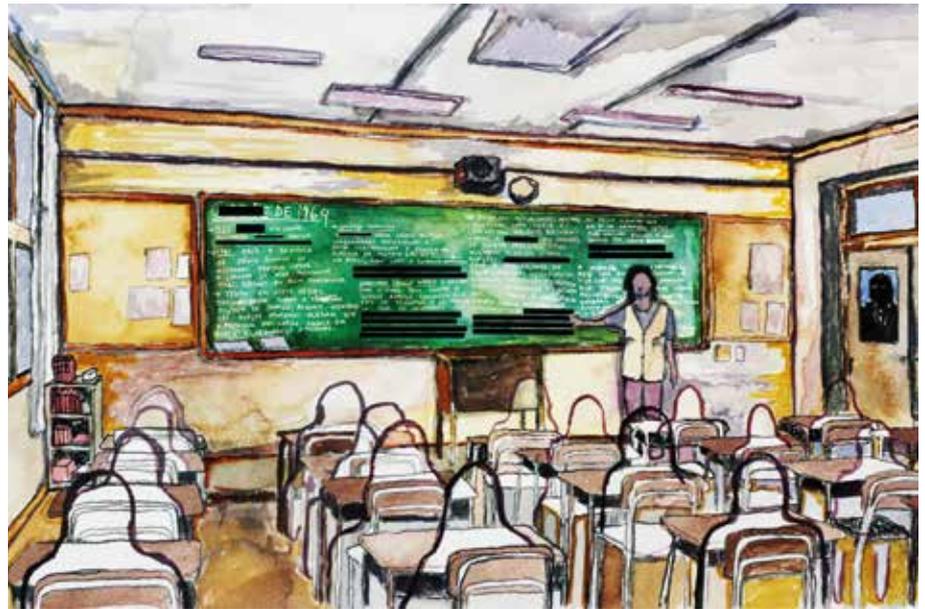
Ano novo, política velha, começamos com a aprovação da MP que reforma o Ensino Médio, logo mais a frente a possível Reforma da Previdência. Será mais um ano de muita luta e resistência, precisaremos de coragem pra enfrentar as injustiças que estão por vir, e a nossa tarefa é a mobilização, desde sempre mostrando reprovação a esse governo.

# O efeito nefasto da Lei da Mordaça sobre o papel do professor enquanto intelectual orgânico específico



Artigo da professora *Eliane Juraski Camillo (IFSC)*

**M**INHA REFLEXÃO de hoje é sobre um dos temas que são objeto de minha atenção ultimamente: os intelectuais e sua importância na atual conjuntura sócio-político-econômica brasileira, marcada pelo conservadorismo e pela supressão de direitos trabalhistas e sociais. Há algum tempo atrás, andei lendo Gramsci e, partindo de seu pensamento, pude tirar algumas conclusões frutíferas sobre o assunto, as quais vinham ao encontro das minhas interrogações. Segundo ele, contrariando um pensamento recorrente de



um grande número de pessoas – as quais eu me incluía – intelectual era aquela pessoa inteligente, entendida em algum assunto, com elevado grau de instrução e, impreterivelmente, que usasse terno e gravata. Aliás, permitindo-me um aparte, quão curioso é o fato de que, em nossa sociedade, qualquer pessoa bem trajada, ainda mais com terno e gravata, é logo associada a uma pessoa de inteligência e caráter, alguém em quem se pode confiar. Um intelectual.

Pois bem. Gramsci afirma que o mundo não está cindido entre intelectuais e não intelectuais e, vai mais longe, declarando que qualquer mortal poderá vir a sê-lo, mesmo os que não chegam a vestir um terno. O pensador italiano vaticina que existem duas possibilidades de existência de intelectuais: uma que já é preexistente, já está dada e corresponde justamente aquele percentual de pessoas que descrevi acima, bem instruídas.

A outra parcela, porém, é criada organicamente dentro de cada ramo de atividade, ou seja, cada categoria cria seus intelectuais. E, nessa perspectiva, não apenas as profissões que exigem maior tirocínio mental terão seus intelectuais, mas também aquelas que se caracterizam por um maior esforço manual criarão a sua elite intelectual.

Sim, pasmem, os intelectuais não são oriundos apenas das camadas que desempenham funções intelectuais,

mas os trabalhadores manuais também criam seus intelectuais, afinal de contas, nenhuma atividade, por mais repetitiva e desprovida de reflexão que seja, exige um mínimo de raciocínio. Sem contar que, fora de seu exercício laboral, toda pessoa exerce ou pode exercer outras funções que exigirão tomadas de decisões, posicionamentos que, em maior ou menor grau, confluirão para a construção de uma visão de mundo, onde alguns valores são preferidos; outros, preteridos.

Tudo isso me foi fantástico. Ler Gramsci permitiu-me romper com aquela ideia burguesa, seletiva, excludente de que somente os “bem-educados”, os “bem-nascidos” poderiam ser intelectuais. Sim, os trabalhadores braçais, historicamente desprovidos de maior fulgor em seu fazer, também podem ser intelectuais. Também têm a possibilidade de converterem-se em sujeitos históricos concretos pela difusão do seu saber.

Contudo, satisfeita com a (nova) possibilidade, me inquietava ao constatar que os “grandes homens” estão em extinção no nosso tempo líquido. Se mais pessoas têm a possibilidade de serem intelectuais, cadê eles? Onde estão os grandes autores? Os que anunciam novas (e consistentes) teorias e ideias à humanidade? Pois, ao que me parece, salvo algumas poucas exceções, continuamos ainda a seguir, aprender, discutir, ensinar e



repassar visões de mundo há muito passadas, sendo que o mundo e suas perguntas muito têm mudado ultimamente. Onde estão os novos intelectuais que darão conta disso?

Ora, juntando o que Gramsci escreveu com o que tenho lido de Foucault, consigo deslindar o intelectual contemporâneo e o seu papel. Foucault diz que o intelectual universal, que descrevi acima e do qual tenho sentido falta, é mesmo um tipo raro em nossos dias, em função de que o mundo está em um estado avançado de acumulação de conhecimento e, sobretudo, porque vivemos realidades complexas e multifacetadas, as quais não podem ser abarcadas por apenas uma ou algumas teorias. A realidade sempre desborda, sempre é mais, sempre tem mais variáveis do que se supõe à priori.

No lugar do intelectual universal surge o intelectual específico, aquele que, em seu recorte espacial/geográfico, na sua prática diária, é capaz de enxergar os acontecimentos com outros olhos, não com o olhar apressado de quem precisa passar pela superficialidade dos acontecimentos em nome da necessidade de trabalhar, trabalhar, trabalhar; mas aquela pessoa dotada de uma dose extra de sensibilidade, que consegue ver a luz de nosso tempo sem deixar-se cegar por ela, visualizando também os pontos obscuros, as penumbras.

Em outras palavras, quem tem a fineza de espírito para perceber as limitações, as potencialidades e, principalmente, aquele que arrisca transformar as limitações em possibilidades de futuras potencialidades e o que percebe nas potencialidades

futuras limitações. Esse novo intelectual, felizmente, poderá ser qualquer pessoa. Um trabalhador braçal também, recordo. Poderá não ter o fulgor dos então “grandes homens”. Poderá não ter um séquito de seguidores/bajuladores. Talvez suas conjecturas tenham aceitação de um mínimo número de pessoas. E, certamente, encontrará sérias dificuldades em pôr em prática o que pensa, devido a amarras globais. Mas, mesmo assim, não deixará de ser um intelectual e sua contribuição revolucionária não será minorada.

Diante disso, me vem à mente a singularidade da figura do professor como intelectual específico, o qual, nos dias de hoje, mesmo diante de toda sorte de desvalorização, mesmo diante da bravata da Lei da Mordada, a qual, ao contrário do que anuncia, objetiva instaurar a escola de apenas um partido (o hegemônico, obviamente), com efeito nefasto sobre a

autonomia e a voz docente, já que tem o intuito, inclusive de criminalizar aqueles cuja atuação seja um antídoto para o analfabetismo político; é ainda ele, salvo todas as imposições advindas dos órgãos hierarquicamente superiores, que faz, no “chão da sala de aula”, a educação. E, mesmo intimidado por essa racionalidade que o país está imerso, desacreditado, em muitos ensijos, pelos adolescentes/jovens por não mais corresponder à única fonte de conhecimento, já que este se encontra à mão de qualquer mortal, democratizado em seu acesso; é ainda o professor que influencia, marca, convive com o adolescente/jovem e tem sobre ele alguma (grande) influência. E o que este intelectual específico precisa, hoje, não é dar respostas, dizer o que deve ser feito. Tampouco “conscientizar” alguém. Deve, sim, perceber-se nas teias de poder nas quais está enredado, enxergando que, o que precisa mudar na educação – assim como na sociedade – não é o regime de verdades vigente, mas o processo pelo qual algo se torna ou não verdade, para que então a história escrita nos livros, lida, estudada, aprendida e repassada não seja apenas a história dos vencedores, mas as várias histórias, as múltiplas versões, para que cada um possa perceber qual é a sua história. Qual o/a limita e qual tendo como estandarte é possível avançar.

